



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

**GRAZIELLA NANNUCI PEPE**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNA COM DEFICIÊNCIA MENTAL  
NUMA ESCOLA REGULAR E PRIVADA DE BRASÍLIA.**

**BRASÍLIA  
2013**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNA COM DEFICIÊNCIA MENTAL NUMA ESCOLA REGULAR E PRIVADA DE BRASÍLIA.**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Maria Emília Gonzaga de Souza.

**BRASÍLIA  
2013**

## FICHA CATALOGRÁFICA

PEPE, Graziella Nannuci. ***Avaliação da aprendizagem de aluna com deficiência mental numa escola regular e privada de Brasília.*** Graziella Nannuci Pepe – Brasília,DF [s.n], 2013,... páginas. Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Maria Emília Gonzaga de Souza.

Trabalho Final de Curso. Conclusão em Pedagogia – Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª Maria Emília Gonzaga de Souza

Orientadora

---

Profª Drª Paula Cobucci

---

Profª Sheila Schechtman

Aos meus pais agradeço o amor, ao meu  
filho lindo e ao meu namorado querido a  
paciência e apoio incondicionais.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus pelo seu amor e renovo a cada dia, pois sem ele nada disso seria possível.

Aos meus alunos queridos, fonte de inspiração, razão da minha escolha profissional, e responsáveis por despertar em mim o interesse sobre esse tema.

Aos meus professores que contribuíram e que tornaram possível a realização deste trabalho.

À professora Dr<sup>a</sup> Maria Emília Gonzaga de Souza a orientação, o apoio, o incentivo e o amor no decorrer dessa elaboração.

À professora Paula Cobucci e Sheila Schechtman por aceitarem fazer parte da banca examinadora a minha eterna gratidão e respeito.

A todos os professores e profissionais que contribuíram e enriqueceram de alguma forma a minha vida dentro e fora da academia.

Aos meus pais, o meu infinito agradecimento. Pois sem vocês esse sonho não teria se realizado.

Ao João Pedro Pepe Medeiros, meu filho, muito obrigado pela paciência quando por vezes estive sobrecarregada e você sabiamente aos oito anos de idade soube compreender e colaborar, a mamãe te ama.

Ao meu namorado abençoado, pela paciência nas minhas crises, pelo apoio, amizade e, sobretudo pelo seu amor.

Aos meus familiares que acreditaram em mim e no meu sonho.

Aos meus amigos queridos, o meu amor e respeito eterno, pois acreditaram no meu sucesso.

A todas as pessoas queridas da minha vida, que de alguma forma contribuíram para que eu permanecesse forte, para realizar este trabalho.

*Meu muito obrigada a todos vocês!!!!*

## **APRESENTAÇÃO**

Esta pesquisa trata de estudo de caso e análise de dados sobre aluna com deficiência mental que estuda em escola regular e privada localizada em Brasília, Distrito Federal. O trabalho analisa a perspectiva da professora em relação à avaliação da aprendizagem da aluna com necessidades educacionais especiais incluída em sala de aula regular no sistema de ensino privado. É desenvolvido em três partes, caracterizando uma monografia com pesquisa e descrição acerca do um tema.

A primeira parte consta de memorial, que apresenta meu percurso acadêmico, buscando relacioná-lo ao tema escolhido. A segunda parte aborda referencial teórico, tratando os seguintes temas: inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais em escola regular, políticas públicas sobre inclusão, adaptação curricular, avaliação da aprendizagem, enfoque na deficiência mental, a metodologia e a análise dos dados. A terceira parte finaliza o trabalho com as considerações finais e as minhas perspectivas futuras.

## RESUMO

Este trabalho, caracterizado como estudo de caso, tem como objetivo principal analisar as perspectivas relacionadas à avaliação da aprendizagem da aluna com deficiência mental, incluída em sala regular, no sistema de ensino privado de Brasília. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com a professora e com a mãe da aluna, de fichas médicas junto à orientação escolar, com a autorização dos pais da aluna e duas atividades avaliativas, atividade realizada pela aluna pesquisada e a outra pelo restante da turma. O estudo verificou, em concordância com a literatura, que a adaptação dos materiais, bem como a inclusão vem sendo trabalhada de maneira equivocada pelos educadores. Também mostrou que os educadores ainda não perceberam a importância da avaliação como mecanismo para promover o crescimento e o desenvolvimento cognitivo do educando. Os professores ainda não percebem esse instrumento como um recurso auxiliador para a tomada de decisão mais apropriada no trabalho pedagógico em sala de aula.

**Palavras-Chave:** avaliação da aprendizagem. Deficiência mental. Inclusão.



## SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO .....	11
JUSTIFICATIVA.....	15
CAPÍTULO I .....	19
INCLUSÃO .....	19
POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE INCLUSÃO.....	22
ADAPTAÇÃO CURRICULAR .....	25
CAPÍTULO II .....	28
AVALIAÇÃO .....	28
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	28
CAPÍTULO III .....	31
ENFOQUE NA DEFICIÊNCIA MENTAL.....	31
CAPÍTULO IV.....	33
METODOLOGIA .....	33
RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO .....	34
A ESCOLA.....	34
A OBSERVAÇÃO .....	35
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	36
RELAÇÃO ALUNA-ALUNO .....	38
RELAÇÃO ALUNA- ESCOLA .....	39
CAPÍTULO V.....	41
ANÁLISE DOS DADOS .....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
PERSPECTIVAS FUTURAS .....	50
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICOS.....	51

ANEXO A .....	53
ANEXO B .....	61
ANEXO C .....	68
ANEXO D .....	69
APÊNDICE A.....	71
APÊNDICE B.....	72

## MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Graziella Nannuci Pepe, nasci em Brasília no dia 11 de setembro de 1976.

Minha trajetória escolar começou no ano de 1978, quando entrei pela primeira vez na escola com menos de dois anos. A escola foi escolhida pelos meus pais com muito cuidado para que eu pudesse ter um bom desenvolvimento cognitivo. Além das atividades desenvolvidas na escola, ainda havia as atividades lúdicas relacionadas à dança e às atividades físicas, como a natação que eu frequentava em horários contrários ao da escola.

Tratava-se de uma escola particular do DF localizada na Asa Sul, onde eu frequentei até o atual infantil V. Na alfabetização, devido aos problemas familiares, meus pais se viram obrigados a me mudar de escola, e me colocaram para cursar a alfabetização numa outra escola do Distrito Federal, bem localizada. A mudança de escola foi traumática uma vez que se tratava de uma criança de cinco anos de idade.

O ano escolar da alfabetização foi o que determinou toda a minha vida escolar. Durante esse ano escolar, ocorreram alguns eventos significativos, dentre eles estão a relação professor aluno, a negligência da direção da escola diante da falta de ética da professora. A professora além de me destratar diante de toda a turma por não conseguir ler as atividades, ainda me proibiu de ir ao banheiro causando o maior de todos os traumas, pois fiz as necessidades fisiológicas na sala de aula na frente de todos. Com esse relato não tenho o intuito de denegrir a imagem de ninguém, mas é uma parte da minha vida na escola que precisou de muita terapia para ser resolvida.

Diante de tantos eventos desagradáveis, é claro que meus pais me voltaram para a antiga escola, essa foi sem sombras de dúvida uma grande alegria. No entanto, nesse momento, eu já não era mais a mesma criança alegre e sorridente, tinha me transformado em uma menina tímida e deprimida, introspecta e sem ler e

escrever nada. O processo de alfabetização foi interrompido diante dos fatos ocorridos.

No meu primeiro ano letivo de volta a escola original, a professora e direção da escola sugeriram que meus pais procurassem ajuda de um psicólogo. Os problemas começaram a aparecer um atrás do outro e a luta dos meus pais foi árdua para conseguir fazer com que eles fossem minimizados e que não me prejudicassem ainda mais.

Estudei nessa escola até o atual quinto ano do Ensino Fundamental I, e não tenho como agradecer o que todos fizeram para que eu conseguisse finalizar essa etapa. Foram aulas particulares, tratamentos, persistência de todos os atores envolvidos nessa fase da minha vida.

Na quinta série, hoje o atual sexto ano do Ensino Fundamental II, saí da escola que eu amava, pois tinha até a quarta série. Fui encaminhada a uma escola pequena para que fosse possível uma boa adaptação. Mas mesmo assim foi impossível a aprovação, vivi mais uma experiência terrível que foi a reprovação.

Mais uma vez fui mudada de escola, mas dessa vez por falta de adaptação, precisava que fosse uma escola que respeitasse as minhas dificuldades e trabalhasse em cima de cada uma delas. A escola escolhida era pequena, sem muitos atrativos. Pois, foi exatamente nesse lugar que encontrei uma professora abençoada que logo percebeu que havia necessidade de desenvolver um trabalho diferenciado comigo. Junto à coordenação essa professora começou a realizar um trabalho de resgate, e de desenvolvimento cognitivo específico nas áreas de maior dificuldade. O trabalho dessa educadora transformou minha vida escolar, trazendo de volta a autoestima, e desenvolvendo o meu lado cognitivo.

No ano seguinte, fui estudar na rede pública de ensino e foi muito bom. No início apresentava algumas dificuldades, mas com a ajuda de excelentes professores consegui superá-las e passar adiante.

Já no Ensino Médio, estudei no Setor Leste, que na época era muito difícil conseguir alguma vaga, as pessoas tinham que dormir na fila. Foi um lugar onde estudei, participei do time de natação, fazia aula de línguas estrangeiras, tudo isso

dentro da escola. Fui muito feliz no período que passei nessa escola. No terceiro ano pedi ao meu pai que me colocasse num cursinho pré- vestibular no horário contrário ao da escola, e assim foi feito e logo passei no vestibular da Universidade Católica de Brasília, onde cursei Química durante algum tempo. Por problemas pessoais e familiares acabei saindo sem concluir o curso.

O tempo passou e eu não voltei a estudar, em 2004 tive meu filho João Pedro. Sem estudar, o mercado de trabalho se tornava cada vez mais difícil, e foi aí que decidi voltar para o cursinho e estudar para o vestibular da Universidade de Brasília (UNB). Em julho de 2008, depois de dois anos no cursinho e com filho pequeno, consegui ser aprovada no vestibular da UNB. A escolha do curso foi influência da maternidade, acreditava que o curso de pedagogia pudesse me dar a oportunidade de enxergar e perceber a criança por outro viés. Sabia que essa oportunidade era única na minha vida e na vida do meu filho, afinal, eu já não era mais sozinha. Meu filho cresceu me tendo como exemplo de dedicação e esforço para estudar.

Ao entrar na UNB, me deparei com educadores fantásticos, e fui me envolvendo com a academia o máximo que a minha estrutura familiar permitia. Em janeiro de 2009, comecei a trabalhar numa escola de reforço escolar e atendimento pedagógico e psicopedagógico especializado. Nesse ambiente tive contato com diferentes tipos de educandos,

Senti a necessidade de procurar dentro da universidade disciplinas que pudessem contribuir com minha prática. Foi nesse momento que tive contato com o professor Biannor, sujeito incrível e um educador excepcional, e com a professora Anelice Baptista. Com ele fiz algumas disciplinas incluindo Avaliação do NEEs e projeto 3 fase 1 e 2. Nessa disciplina e com esse projeto pude perceber verdadeiramente as necessidades que meus alunos tinham.

Na Intellecto – Centro de Desenvolvimento Humano, local onde desenvolvo trabalho desde 2009, pude perceber que os alunos com necessidades educacionais especiais não tinham as sua avaliações adaptadas.

Diante dessa perspectiva, deparei com questões que me deixaram intrigada. Como poderia uma escola não promover a inclusão desses alunos? Como poderia acontecer a inclusão sem que as avaliações fossem adaptadas?

Essas questões me levaram a ter o desejo da realização dessa pesquisa, com a intenção de perceber como são realizadas de fato as avaliações dos alunos com necessidades educacionais especiais dentro do ambiente escolar.

## JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa surge a partir de uma inquietação, de aspectos que fui observando no ambiente de trabalho que me levaram a refletir sobre como funciona e quais são os critérios de avaliação utilizados pelos professores.

Ao longo dos últimos três anos, desenvolvi trabalho de atendimento pedagógico numa escola de atendimento pedagógico e psicopedagógico. Atendia, na grande maioria das vezes, educandos com algum tipo de necessidade educacional especial ou com algum tipo de transtorno ou dificuldade de aprendizagem. Foram atendidas crianças com diferentes diagnósticos. Crianças com Deficiência Mental (leve, moderada e severa), Síndrome de Asperger, Síndrome de Down, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Desordem do processamento auditivo central (DPAC), entre outras.

Durante os atendimentos, pude observar a necessidade desses educandos de terem um currículo e avaliações adaptadas. Alguns realizavam as suas atividades avaliativas na escola de atendimento pedagógico em vez de realizá-las na escola regular, o que me permitiu ver de perto o quanto as adaptações se faziam necessárias, uma vez que a prioridade era o processo de aprendizagem de cada um.

No desenvolvimento desse trabalho foi possível perceber que os educandos com necessidades educacionais especiais ou os que tinham algum tipo de transtorno ou dificuldade de aprendizagem eram submetidos em suas escolas aos mesmos processos de avaliação que os outros educandos.

Mesmo sabendo que muitas vezes, esses alunos não tinham as mesmas condições de desenvolvimento cognitivo, para passar por esse processo de avaliação genérico, os professores continuavam a aplicar as mesmas atividades avaliativas.

Não permitindo com esse tipo de comportamento, que os educandos vivenciassem a inclusão, que para Carvalho (2010) o espaço educacional escolar

será inclusivo, não apenas pela presença física dos sujeitos, como alunos e alunas; muito menos se sua intencionalidade educativa estiver centrada no rendimento, no conteúdo curricular, ou em atividades de aprendizagem que não considerem as diferenças individuais porque assumem uma abordagem homogeneizadora. Nem tão pouco permitiam que os educandos tivessem acesso a aprendizagem.

Nesse momento, tratar a avaliação de forma genérica, em ética e compromisso pode ser um equívoco e ainda levar parte dos alunos ao fracasso escolar. Segundo Luckesi (1999), a avaliação necessita, para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida.

E para que a avaliação seja bem sucedida o professor precisa estar atento às necessidades de seus alunos.

O ato de avaliar também exige a entrega, entrega à construção da experiência satisfatória do educando. A entrega ao desejo de que o educando cresça e se desenvolva possibilita ao educador o envolvimento com o processo do educando, estando sempre atento às suas necessidades.( LUCKESI,1999, p.185)

Diante da heterogeneidade das salas de aula, torna-se cada vez mais complexo tratar a avaliação como algo genérico, linear e rígido. O processo de avaliação deve ser dinâmico e com infinitas possibilidades, respeitando os limites e individualidades dos diferentes educandos que serão encontrados na sala de aula.

Diante dessas questões, surgiram algumas inquietações que justificam a importância dessa pesquisa:

Como as escolas avaliam os alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEES)?

São feitas avaliações adaptadas às necessidades especiais dos alunos?

O professor avalia todos os alunos da mesma forma?

Quais os critérios utilizados para justificar a sua prática em sala de aula?



Essa pesquisa traz a tona um tema de grande relevância para os educadores, pois, pela nova legislação toda escola tem que ser inclusiva. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB /96), Art. 59. os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: “I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades.”

A pesquisa também possibilitará a reflexão da prática docente, levando à revisitação dos conceitos ultrapassados e permitindo que os educadores ao lerem essa investigação mudem e renovem a prática pedagógica, transformando a forma equivocada e genérica com a qual vêm tratando as questões relacionadas a avaliação.

O presente trabalho torna-se significativo do ponto de vista social e acadêmico, uma vez que busca trazer questões relacionadas à avaliação. Mostrando o quanto se faz necessário avaliação adaptada aos educandos com qualquer tipo de deficiência como também para aqueles que possuem dificuldades de aprendizagem, permitindo e garantindo que o processo de ensino e de aprendizagem ocorra de maneira mais eficiente.

Portanto, para o desenvolvimento desse estudo, coloco como objetivos de pesquisa o seguinte objetivo geral:

- Analisar a avaliação da aprendizagem realizada pela professora de escola regular com sua aluna com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs).

E os objetivos específicos são:

- Analisar a prática pedagógica de uma educadora de escola regular referente a alunos com NEEs.
- Verificar a avaliação realizada por esta educadora com os seus alunos de inclusão.
- Compreender as atividades avaliativas e suas repercussões nos alunos de inclusão.

- Verificar a adaptação feita nas atividades avaliativas realizadas em sala de aula com os alunos de inclusão.

Este trabalho procura analisar os dados coletados no intuito de auxiliar docentes que recebem alunos de inclusão e que muitas vezes não estão preparados para tal tarefa. Oferece subsídios para que possam refletir sobre o papel fundamental que a avaliação tem no processo de aprendizagem de todos os alunos, de maneira especial na formação dos ANEEs. Oferece também a oportunidade de reflexão tanto teórica quanto prática, para a busca de transformação das práticas pedagógicas vigentes para práticas mais inclusivas. Os dados nos dão essas possibilidades e abrem também novos caminhos para outras pesquisas, é um tema instigante e que não se esgota. A cada caso é necessário novas reflexões, novos estudos e novas buscas e planejamentos, são casos únicos e empurram o professor a buscar e a ser cada vez mais reflexivo e pesquisador da sua prática.

## CAPÍTULO I

"Não há saber mais ou saber menos:  
há saberes diferentes"  
(Paulo Freire)

## INCLUSÃO

A inclusão ou a inclusão social está para além de simplesmente garantir a inserção ou a presença física dos sujeitos com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares. Está no espaço social e escolar que queremos, nas relações que desejamos e nas as práticas pedagógicas que serão realizadas para garantir a todos o direito a aprender. Uma educação pautada na paz e sobretudo na solidariedade.

### **Inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais em escola regular**

A educação é permeada por conceitos, mas não tem como pensá-la sem mencionar sua diversidade cultural que possibilita o respeito e reconhecimento do outro. É essencial valorizar a cultura, a individualidade e a subjetividade de cada sujeito, procurando aprofundar seus conhecimentos, para que, participe do processo permanente da construção do conhecimento.

[...] se é verdade que, para a democratização da escolarização de alunos com deficiências por meio de sua inclusão no ensino regular, terão que ser superadas as barreiras impostas pelos educadores não-especializados e modificadas as práticas escolares na perspectiva da absorção, com qualidade, das mais diversas diferenças culturais, lingüísticas, étnicas, sociais e físicas, é também verdadeiro que a contribuição da área da Educação Especial não se fará presente enquanto permanecer hegemônico o modelo médico-pedagógico. (MICHELS, 2004, p. 158-159)

A escola deve ser entendida como um espaço de respeito às diferenças, que seja capaz de promover a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais bem como qualquer aluno que encontre dificuldade para aprender.

Inclusão significa combater qualquer tipo de exclusão e discriminação, é promover a participação de todos os atores que englobam esse processo. Como afirma Ferreira (2007, p.22), “No contexto da educação, a inclusão engloba os seguintes direitos: acesso à educação por meio de matrícula em qualquer escola (da rede pública ou privada); acesso ao currículo por meio de estratégias de ensino que possibilitem a igualdade na participação nas atividades em sala de aula e na vida social escolar e comunitária [...]” e todos os conteúdos próprios de cada comunidade, isto faz parte do processo de ensino e de aprendizagem.

Podemos afirmar, ainda, que a escola que não é voltada para as necessidades dos alunos tem grandes chances de se tornar um espaço pedagógico excludente. Sabemos que nem sempre a escola consegue corresponder às reais necessidades da sua comunidade, como ressalta Paro,

Não há dúvida de que podemos pensar na escola como instituição que pode contribuir para a transformação social. Mas, uma coisa é falar de suas potencialidades... uma coisa é falar “ em tese”, falar daquilo que a escola poderia ser. [...] outra coisa bem diferente é considerar que a escola que aí está já esteja cumprindo essa função. Infelizmente Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar essa escola é sim reprodutora de certa ideologia dominante [...] é sim negadora dos valores dominados e mera canceladora da injustiça social, na medida em que recoloca as pessoas nos lugares reservados pelas relações que se dão no âmbito da estrutura econômica. ( PARO, 2001, p. 10)

Ideologia dominante, que repassa e reproduz ao longo do tempo relações de poder e diferenças de classes que são determinantes na construção de um espaço escolar excludente. Espaço esse que deveria existir para que os indivíduos pudessem desenvolver tanto as suas competências e habilidades, como também desenvolver sua visão social e política.

A escola é um ambiente que está para além de uma relação de apenas ensino aprendizagem. É um lugar de transformação social, onde os educandos, sendo eles com necessidades especiais ou não, possam vivenciar um espaço de construção.

Para Vygotsky, (*apud* OLIVEIRA, 1997) a aprendizagem é um processo dinâmico e dialético, pelo qual o indivíduo constitui informações, habilidades, atitudes e valores a partir do contato com a realidade, com o meio ambiente e com as pessoas, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas.

Essa relação dialética pode possibilitar a construção de uma escola que promova oportunidades igualitárias de participação, que não segregue, não rotule e que estimule uma prática pedagógica onde seja garantido a todos o direito a educação.

Embora os educandos com necessidades educacionais especiais sejam beneficiados pelas melhorias e conquistas nas escolas, a proposta inclusiva, segundo Carvalho (2010), diz respeito a todos os alunos que, pelas mais diferentes causas, têm sido marginalizados, excluídos do processo educacional escolar, aos demais alunos e alunas que participam do processo de aprendizagem de forma mecânica, sem exercitarem sua capacidade crítica e reflexiva.

A educação inclusiva propõe uma mudança na prática educativa, na aceitação da diversidade, nas políticas públicas, na prática pedagógica e no currículo. Para que a inclusão aconteça na realidade das escolas, muitas providências devem ser tomadas, tanto por parte dos gestores escolares como também de todos os envolvidos com os alunos com necessidades educacionais especiais.

Começamos a discussão pelas políticas públicas que de alguma forma, seja ela impositiva ou não, coloca o tema em discussão, exige uma tomada de consciência, e aqui não discutimos a questão de ser ou não adequada, mas de se abrir espaço para a reflexão e a discussão dessa emergência. Veremos também o papel da escola, suas adaptações específicas, como curricular, do ambiente e

preparação de profissionais. E como é objeto desse estudo discutiremos os objetivos da avaliação dentro dessa proposta.

## **Políticas públicas sobre inclusão**

Algumas Políticas já foram implantadas para garantir o direito a educação. No debate internacional, a Declaração de Salamanca (Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, representando noventa e dois países e vinte e cinco organizações internacionais, reunidos em Salamanca, Espanha, de 7 a 10 de Junho de 1994.) propunha que cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem, que cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias. Os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades, as crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar por meio de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades.

Nesse sentido, a educação inclusiva é uma política educacional que demanda reestruturação dos sistemas de ensino, criando um novo modelo de escola e ressignificando sua função, buscando uma ideologia educacional inovadora.

A educação inclusiva segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), deve promover oportunidades aos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais de frequentarem a mesma escola, juntamente com as crianças de sua comunidade, de obterem sucesso na aprendizagem, sem sofrer nenhum tipo de discriminação.

Mas nem sempre garantir o acesso das crianças às turmas regulares significa garantia de inclusão, pois muitos educandos podem se sentir excluídos das relações sociais e dos investimentos pedagógicos.

Ao pensar numa proposta de educação inclusiva, é importante pensar não só numa educação para todos, mas entender que o processo educacional não se limita ao espaço escolar.

Segundo Carvalho (2010) a proposta inclusiva diz respeito a famílias inclusivas, a escolas inclusivas e a uma sociedade inclusiva, capazes de acolher e reconhecer as diferenças individuais e oferecer respostas educativas que atendam aos interesses e necessidades de todos.

A LDB em seu artigo 38 prevê que o ensino fundamental obrigatório terá duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, e terá por objetivo a formação básica do cidadão, onde será desenvolvida a capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura e da escrita.

Está previsto na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação o direito ao acesso à educação, no artigo 205 da CF/88, prevê-se a educação como dever do Estado para com o povo brasileiro. A educação é tratada como direito de todos e dever do estado visando o preparo para o exercício da cidadania.

Logo, destaca-se que educação é uma forma de concretização da cidadania, pois estimula o desenvolvimento de indivíduos em formação, oferecendo-lhes os meios necessários para utilização adequada de seus direitos. Contribuindo, dessa forma, para a compreensão do que é ser cidadão e de que seus direitos também geram deveres de acordo com o princípio de igualdade e como afirma Marshall.

O direito à educação é um direito social de cidadania genuíno porque o objetivo da educação durante a infância é moldar o adulto em perspectiva. Basicamente, deveria ser considerado não como o direito da criança frequentar a escola, mas com o direito do adulto ter sido educado. (MARSHALL, 1967, p.73)

E nessa perspectiva de garantir uma educação que desenvolva, sobretudo nos indivíduos uma consciência social e política quanto ao seu direito à cidadania, vêm os parâmetros curriculares nacionais nortear a prática pedagógica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs constituem um referencial para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Tais parâmetros indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de compreender a cidadania como participação social e política, assim como, exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito e, para que, realmente seja possível desenvolver essas características nos alunos é indispensável o acesso necessário de material para um bom retorno do objetivo citado, buscando sempre a capacidade de realizar uma leitura crítica de pensamento políticos e sociais.

O ensino que a sociedade demanda atualmente se expressa aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.

A instituição escolar, com sua função de ensinar os alunos a compartilharem o saber, os sentidos das coisas, das emoções, a discutir, a trocar os pontos de vistas através de seu desenvolvimento impulsionador do espírito crítico, e o reconhecimento do outro em suas dimensões, traz como objetivo maior a introdução do aluno no mundo social, cultural e científico (Brasil,2006).

Alguns dispositivos legais atendem ao princípio de atenção à diversidade e educação para todos, com alguma deficiência, ou não e assegura aos educandos com necessidades educacionais especiais alguns elementos como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) no Art. 59.

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental,



em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

E como previsto nessa Lei acima, os sistemas de ensino vão assegurar aos alunos com necessidades educacionais especiais currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. Garantindo que o processo de aprendizagem ocorra.

Apesar de existirem inúmeros dispositivos legais garantindo a educação como direito de todos, é evidente a violação da legislação, que se justifica muitas vezes por falta de conhecimento, ou ainda, por não acreditarem nas diversas possibilidades para uma educação inclusiva.

## **Adaptação curricular**

A Adaptação Curricular (AC) deve ser entendida como mais um instrumento que assegura possibilidades no processo de ensino e aprendizagem, e é importante para os alunos com necessidades educacionais especiais. Consiste em mudanças realizadas pelos professores, estratégias de planejamento para responder às necessidades dos alunos.

Vale ressaltar que não se trata de elaborar um novo currículo, mas trabalhar com o que foi adotado pela instituição, fazendo nele os ajustes necessários (flexibilização nos objetivos, conteúdos, metodologia e nas práticas de avaliação da

aprendizagem) de maneira que sejam oferecidas uma verdadeira igualdade de oportunidades de construção do conhecimento.

A flexibilização do currículo está intimamente ligada a como esses alunos serão avaliados durante o processo de ensino e aprendizagem. Nos currículos fechados, a estrutura é linear, rígida e o eixo é o resultado, em que vão se repassando os conteúdos tradicionais. Os objetivos curriculares a serem alcançados se traduzem por meio da avaliação, como medição do rendimento escolar, numa abordagem somativa.

No currículo aberto, o eixo é o processo e a aprendizagem, diferente do currículo fechado, onde o eixo é somente o resultado. No currículo aberto a aprendizagem é construída com o reconhecimento das diferenças individuais, respeitando e levando em consideração o social e o cultural.

Isso requer que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia a dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir as manifestações culturais nacionais e universais (BRASIL, 1997, p.45)

As diferenças individuais devem ser reconhecidas e respeitadas dentro da instituição educacional visando à qualidade da aprendizagem dos sujeitos envolvidos no desenvolvimento do conhecimento.

A adaptação é quando o professor propõe uma atividade com o mesmo tema pra toda a turma, possibilitando que os alunos que precisam da adaptação desenvolvam as atividades dentro das suas possibilidades, mas mantendo-os dentro do contexto da sala de aula, permitindo uma maior participação dos alunos com necessidades educacionais especiais nas atividades, tanto as presentes no currículo escolar como nas realizadas fora da sala de aula. Levando esses alunos a atingirem os objetivos de cada nível da aprendizagem presentes no currículo adaptado às suas necessidades e a seus níveis diferentes de exigências.

Essas adaptações se referem a ajustes que o professor pode fazer nos objetivos pedagógicos constantes de seu plano de ensino de forma a adequá-los às características e condições do aluno com necessidades educacionais especiais.

Segundo os PCNs as ações adaptativas visam flexibilizar o currículo para que ele possa ser desenvolvido na sala de aula e atender às necessidades especiais de alguns alunos. As adaptações curriculares no nível do projeto pedagógico devem focalizar, principalmente, a organização escolar e os serviços de apoio. Elas devem propiciar condições estruturais para que possam ocorrer no nível da sala de aula e no nível individual, caso seja necessária uma programação específica para o aluno.

Ainda tomando como base os parâmetros curriculares nacionais, alguns aspectos devem ser previamente considerados para se identificar a necessidade das adaptações curriculares, em qualquer nível:

- a real necessidade dessas adaptações;
- a avaliação do nível de competência curricular do aluno, tendo como referência o currículo regular;
- o respeito ao seu caráter processual, de modo que permita alterações constantes e graduais nas tomadas de decisão.

É importante ressaltar que as adaptações curriculares, seja para atender alunos nas classes comuns ou em classes especiais, não se aplicam exclusivamente à escola regular, devendo ser utilizadas para os que estudam em escolas especializadas, quando a inclusão não for possível.

## **CAPÍTULO II**

"Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças" (MANTOAN)

## **AVALIAÇÃO**

### **Avaliação da aprendizagem**

A escola hoje vivencia um momento histórico onde não nos cabe mais pensarmos esse espaço, contendo processos avaliativos ou atividades avaliativas classificatórias, como acontecia nas escolas tradicionais e que tem se perpetuado aos dias atuais. Onde a avaliação era a reguladora do processo de aprendizagem. O espaço escolar tem que conviver com uma diversidade de sujeitos, com diferentes identidades com inúmeras necessidades, onde a avaliação ou a maneira como ainda é realizada a avaliação precisa ser repensada.

A avaliação deve fazer parte de uma educação emancipatória , o aluno bem como a comunidade e a instituição devem fazer parte dessa construção, utilizando os mecanismos que julgarem necessários para a realização desse processo que deve ser coletivo.

A avaliação é considerada como elemento favorecedor da melhoria de qualidade da aprendizagem, deixando de funcionar como arma contra o aluno. É assumida como parte integrante e instrumento de auto-regulação do processo de ensino e aprendizagem, para que os objetivos propostos sejam atingidos. A avaliação diz respeito não só ao aluno, mas também ao professor e ao próprio sistema escolar. (BRASIL,1997,p.41)

Entretanto deve ser entendida como uma forma de proporcionar a construção do conhecimento, permitindo o desenvolvimento das competências e habilidades dos educandos envolvidos.

Segundo Paulo Freire (1999) educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o seu papel na História. A identidade do educando deve ser respeitada, suas experiências consideradas, para que trabalho educativo tenha êxito.

Portanto, educar é estimular os educandos, oferecer condições para que a aprendizagem ocorra de forma integrada e que possa contribuir para o desenvolvimento da capacidade de relações interpessoais e intrapessoais em atitude de aceitação às diferenças, de respeito, de confiança, e de acesso aos conhecimentos da realidade social e cultural.

É proporcionar situações que estimulem a curiosidade com consciência e responsabilidade, valorizando a liberdade e a sua capacidade de aventurar-se. Tem a função de favorecer o desenvolvimento de cada sujeito, garantindo a aprendizagem. Ainda nessa perspectiva do educar, a avaliação da aprendizagem exerce função dentro desse contexto, de ajudar o educando a desenvolver as suas habilidades e competências, estimulando o seu crescimento.

A avaliação da aprendizagem tem por objetivo auxiliar o educando em seu crescimento e, por isso mesmo, na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos (conhecimentos, habilidades, hábitos, convicções). A avaliação, aqui, apresenta-se como um meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão. Diagnosticando, a avaliação permite a tomada de decisão mais adequada, tendo em vista o autodesenvolvimento e o auxílio extremo para esse processo de autodesenvolvimento. (LUCKESI,2000,p.174)

Embora a avaliação aconteça sistematicamente durante as atividades de ensino e aprendizagem, é preciso que a perspectiva de cada momento da avaliação seja definida claramente, para que seja possível alcançar o máximo de objetividade possibilitando o auxílio ao educando. E que diagnosticando, o educador possa

identificar os caminhos percorridos pelo educando, traçando metas e os objetivos a serem alcançados.

A avaliação da aprendizagem assumiu a prática de “provas “ como recurso ou mecanismo para classificar os educandos, transformando esse instrumento numa arma do educador contra o educando. Tornou-se um instrumento de poder nas mãos do educador. Transformando a relação professor-aluno numa relação autoritária, o professor manda e o aluno obedece. O educador utiliza a avaliação “prova” como instrumento disciplinador, para manter a ordem em sala de aula, como forma de punição ou recompensa.

Segundo Hoffmann (2005), a avaliação será excludente sempre que for utilizada para classificar e não para promover, sempre que as decisões levarem em conta parâmetros comparativos, e não as condições próprias de cada aluno e o princípio de favorecer-lhe oportunidade máxima de aprendizagem, de inserção na sociedade, em igualdade de condições educativas.

Entretanto, não se trata de padronizar a avaliação, nem tão pouco de igualar os sujeitos presentes no processo de aprendizagem. Trata-se de proporcionar condições de escolaridade e educação a todos na sua diversidade e especificidade.

## CAPÍTULO III

“O professor, na perspectiva da educação inclusiva, não é aquele que ministra um ensino diversificado, para alguns, mas aquele que prepara atividades diversas para seus alunos.”(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008)

### ENFOQUE NA DEFICIÊNCIA MENTAL

Ainda não é consensual entre os profissionais uma definição concreta sobre o termo deficiência mental, pois não se esclarece por causa orgânica, nem pela quantidade ou tipo de inteligência. Nesse sentido, a deficiência mental deve ser compreendida dentro de uma abordagem que considere o funcionamento da pessoa na interação com o mundo em que vive, atentando para as oportunidades e apoios recebidos ao longo da vida ( MEC, 2006).

O sujeito com diagnóstico de deficiência mental tem suas funções intelectuais comprometidas, por vezes tem seu desenvolvimento cognitivo comprometido. É caracterizada por transtornos no desenvolvimento. Mas o termo deficiência foi por vezes questionado como pejorativo, pois não se trata de deficiência, mas sim de sujeito em situação de deficiência. A Convenção da Guatemala, internalizada à Constituição Brasileira pelo Decreto 3956/2001, no seu artigo 1º define deficiência como [...] “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”. Essa definição ratifica a deficiência como uma situação.

A deficiência mental constitui um impasse para o ensino na escola regular e para a definição do seu atendimento especializado, pela complexidade do seu conceito e pela grande quantidade e variedades de abordagens do mesmo.

A deficiência intelectual, ou deficiência mental, de acordo com a American Association on Intellectual and Development Disabilities - AAIDD (Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento), consiste no:

(...) funcionamento mental significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa, ou da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação, cuidados especiais, habilidades sociais, desempenho na família e comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho.

Se anteriormente predominava uma visão centrada no déficits da pessoa, atualmente a deficiência passa a ser concebida em uma perspectiva de relação com o meio, deixando de ser vista como uma dificuldade relacionada apenas ao sujeito, passando a ser observada como limitações da sociedade, escola, professores e família em oferecer condições que possibilitem a superação das barreiras encontradas pelo sujeito em situação de deficiência. Pode-se destacar, como as principais barreiras encontradas por esses sujeitos, o preconceito e estereótipos encontrados principalmente no ambiente escolar.

Portanto, cabe à escola como ambiente de inclusão, permitir que o aluno, seja ele com deficiência ou não, assimile os novos conteúdos de acordo com as suas possibilidades. A escola regular precisa recriar suas práticas, mudar suas concepções, rever seu papel, sempre reconhecendo e valorizando as diferenças.



## **CAPÍTULO IV**

### **METODOLOGIA**

A pesquisa se constitui em um estudo de caráter descritivo, que tem o objetivo primordial de descrever as características do objeto estudado. E de caráter exploratório, que segundo Gil (1991), é caracterizada por proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Nesse tipo de pesquisa, a coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras. Ainda segundo Gil (1991), a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume o caráter de pesquisa exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar.

Foi utilizado o estudo de caso como procedimento metodológico, uma vez que esse tipo de estudo permite um aprofundamento sobre uma unidade significativa e particular, explicitando a percepção de uma professora quanto à avaliação da aprendizagem da aluna de inclusão com deficiência mental incluída em sala de aula regular em uma escola privada do Distrito Federal.

Desenvolveu-se como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi estruturada com a professora e com a mãe da aluna.

Coleta e análise dos materiais pedagógicos utilizados pela professora em sala de aula, como a atividade avaliativa realizada pela aluna de inclusão e a outra realizada pelo restante da turma, com a intenção de comparar esse material e analisar se estavam sendo feitas as devidas adaptações.

Ainda foi utilizada como recurso durante a pesquisa a observação em sala de aula, visando compreender como se desenvolvia a relação professor – aluno, aluno-aluno e aluno-escola.

## **Relatório de observação**

O relatório de observação tem o objetivo de analisar a prática pedagógica da professora regente diante dos alunos de inclusão, de observar a relação da professora com esses alunos. A relação aluno – aluno, tomando sempre como base da análise os alunos de inclusão presentes nessa turma. E ainda a relação aluno-escola.

A observação foi realizada em escola particular e regular, localizada no bairro Sudoeste em Brasília, Distrito Federal. Turma de 5º ano do Ensino Fundamental I.

### **A escola**

Essa escola foi escolhida, pois trata-se de um espaço onde os indivíduos com necessidades educacionais especiais são acolhidos considerando a inclusão social e cognitiva. E o intuito da observação é analisar se realmente essa inclusão acontece do ponto de vista cognitivo.

A escola recebe alunos com todos os tipos de transtornos de aprendizagem, e com qualquer tipo de necessidades educacionais especiais. A estrutura da escola é confortável, mas a acessibilidade ainda não é total. Os alunos cadeirantes presentes na escola não conseguem transitar com autonomia no ambiente escolar, contam com os colegas e funcionários. A direção da escola garante que para 2013 as adaptações necessárias serão realizadas para garantir o acesso de todos os alunos.

No Ensino Fundamental I, seguimento observado durante a pesquisa, a escola atende apenas uma turma de cada ano. Trata-se de uma escola pequena, o que possibilita um atendimento diferenciado aos alunos, por parte dos professores e funcionários.

## **A observação**

A turma observada foi 5º ano do Ensino Fundamental I, turma pequena, com 16 alunos. Dois alunos dessa turma com necessidades educacionais especiais. São duas meninas, que coincidentemente têm diagnóstico de deficiência mental.

Trabalhar e desenvolver uma pesquisa em um espaço pedagógico com duas alunas com o mesmo diagnóstico possibilitaria um trabalho mais reflexivo do ponto de vista da comparação nas análises dos dados coletados. Tanto os dados relacionados às condições cognitivas, quanto as relações intrapessoais e interpessoais.

Mas, a escola sugeriu que não trabalhasse com uma das alunas. Pois os pais não iriam autorizar nenhum tipo de entrevista, nem tão pouco relatos sobre a vida da filha.

Diante disso, o objeto, ou sujeito de pesquisa tornou-se único. A mãe se colocou completamente disponível e uma grande colaboradora da pesquisa. Permitindo que tanto o nome da filha, quanto as fotos e os dados contidos nas fichas da escola, fossem mencionados nesse estudo.

Ela nasceu dia 18 de setembro de 1998, tem deficiência mental de grau moderado e suspeita-se de uma síndrome em estudo no Hospital Sarah Kubitschek. É acompanhada por uma junta médica do Sarah e pela Neuropediatra Drª Sandra Dias. Ainda recebe acompanhamento pedagógico e psicopedagógico na Intellecto – Centro de Desenvolvimento Humano, onde recebe atendimento da psicopedagoga Francisca Rios e de uma pedagoga.

## **Relação professor-aluno**

A aluna veio de diversas mudanças de escolas, sempre na tentativa de encontrar uma que realizasse a inclusão e que devolvesse a sua autoestima. Quando foi transferida para essa escola onde foi desenvolvida a pesquisa, o ano letivo já havia começado, a mudança de escola foi sugerida pela psicopedagoga Francisca Rios.

Durante os primeiros dias de aula, ela se mostrou tímida e insegura, afinal foram muitas mudanças de escola ao longo da sua vida escolar. Mostrou – se calada e isolada da turma.

O tamanho da escola e a quantidade reduzida de alunos colocou a aluna numa condição mais favorável, deixando-a numa situação de maior conforto. A Sofia sentava-se ao fundo da sala por escolha própria, a professora sugeriu a mudança, mas houve resistência por parte da aluna. A professora respeitou a sua escolha como uma forma de aproximação.

A relação professor aluno é uma relação complexa como todas as relações que envolvem seres humanos, mas também dialógica. Segundo Gadotti (1999), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. E foi a partir dessa perspectiva que a observação foi desenvolvida.

A relação da professora com aluna começou de uma maneira simples e generosa por parte da professora, mas sem nenhum tipo de intimidade. Algumas atividades e dinâmicas foram realizadas buscando a maior adaptação da Sofia. Uma das atividades merece destaque, uma vez que depois dessa as mudanças foram mais significativas. A dinâmica foi simples, realizou-se um jogo com divisão da turma em times, e cada grupo tinha que resolver atividades diversas de matemática. Quem realizasse o maior número de acertos ganhava a gincana.

O interesse nesse momento foi incluir a Sofia ao grupo, e a professora conseguiu. Desse momento em diante a aluna sentiu-se confortável e a turma percebeu a necessidade de colaborar com o processo de aprendizagem.

No que diz respeito ao conteúdo escolar, a professora foi até a coordenação da escola em busca do maior número de informações possíveis sobre a aluna, para que pudesse desenvolver um trabalho que influenciasse positivamente na vida da Sofia. Que com seus 14 anos de idade ainda não sabia ler e nem escrever com fluência, e nem tão pouco tinha condições de acompanhar a turma do ponto de vista curricular do 5º ano.

A proposta da escola foi de fazer uma adaptação curricular para Sofia, utilizando material didático de 1º ano para que realmente a aluna pudesse finalizar o 5º ano do Ensino Fundamental, lendo e escrevendo tudo.

Nesse momento a professora trouxe de volta a possibilidade de a aluna aprender e participar dentro do seu contexto das atividades na sala de aula. Aprender passou a ter um significado pra ela, que antes não tinha noção do que estava fazendo. A adaptação dos conteúdos levantou a autoestima da aluna e possibilitou o desenvolvimento cognitivo.

A professora se mostrou compreensiva e atenta às necessidades da aluna, e a trouxe para dentro do contexto da sala de aula, incluindo-a nas atividades de grupo e estabelecendo uma relação de confiança e empatia.

Sofia passou a se comportar com o passar de muito pouco tempo (cerca de dois meses), de maneira diferente, antes se mostrava insegura, embora sempre muito doce, agora se mostra integrada ao grupo, participativa em sala de aula, interage com a professora, levanta-se do seu lugar sempre que tem alguma dúvida.

No projeto literário, um dos projetos importantes da escola, a aluna também participa. Sempre procurando, com autonomia, a professora responsável pelo 1º ano em busca dos livros que atendam as suas necessidades.

Na sala de aula, foi repreendida pela professora por conversas excessivas, e por outros motivos, nunca teve privilégios por causa de seu diagnóstico, foi sempre

tratada como todos os colegas. Ela também se porta em sala de aula como qualquer criança dessa faixa etária, não difere dos demais alunos, a não ser pela diferença de idade. Na verdade a sua idade mental está de acordo com o restante da turma, proporcionando uma equivalência nos comportamentos.

A professora faz a mediação nas atividades realizadas em sala de aula, ela tem autonomia nas anotações de deveres de casa, assim como os colegas. As atividades avaliativas são diferenciadas, atendendo às suas necessidades, contemplando os conteúdos trabalhados em sala de aula. Conteúdos adaptados, pois trata-se de uma aluna que do ponto de vista cognitivo correspondia a uma criança de alfabetização.

As atividades avaliativas são realizadas, uma parte em sala de aula para que ela se sinta parte do grupo. E a parte restante é realizada com o a mediação da professora, pois a Sofia demanda um tempo maior para a realização dessas atividades e porque a educadora faz questão de acompanhá-la. No momento das atividades avaliativas a professora tem a oportunidade de perceber a sua prática, bem como o desenvolvimento da aluna.

## **Relação aluna-aluno**

No primeiro momento ela era esquiva, tímida e introspectiva, reflexo da insegurança por tantas mudanças de escola. Os alunos da turma tentaram aproximação, mas as tentativas não davam tanto resultado. O comportamento de duas colegas chamaram a atenção, uma menina que sentava próxima a Sofia tentou puxar conversa várias vezes e não obteve resultados positivos, ela desprezava a colega, e mostrava-se desconfortável, chegando a mudar de lugar. Outra situação curiosa foi quando a Sofia jogava durante o horário estabelecido para o lanche e a colega se aproxima curiosa e a Sofia vira a cara sem a menor cerimônia. No decorrer da rotina, com as atividades propostas pela professora, com dinâmicas e trabalhos em grupo, a aluna foi se soltando e se sentindo confortável para estabelecer vínculo afetivo com os colegas de sala.

Hoje a Sofia é uma garota como as colegas em sala de aula, participa de eventos na escola, de projetos, de danças e apresentações, é convidada para festas de colegas, é querida por todos. Trata-se de uma menina meiga e excessivamente carinhosa e de uma generosidade peculiar (mostra-se disponível para ajudar sempre, tanto a professora quanto aos colegas).

Os colegas a veem como os demais, as brigas existem, desentendimentos, mas nunca com comportamento preconceituoso. Por se tratar de uma escola que acredita na inclusão, são inúmeras as crianças com diferentes tipos de necessidades educacionais especiais. As crianças dessa escola lidam com o diferente diariamente, para eles o diferente faz parte do cotidiano.

Diante dessas razões pôde-se observar que os alunos se comportam com naturalidade com a Sofia, ajudam sempre, são amorosos e amigos.

## **Relação aluna- escola**

A aluna não foi uma criança que chegou e logo se entrosou, ao contrário, ela tinha duas funcionárias nas quais ela confia muito, e a essas eram os beijos e os abraços.

Naturalmente com o passar do tempo a aproximação dos funcionários da escola foi acontecendo e a aluna foi mostrou-se mais confiante, ela levava lanche, hoje a exemplo de socialização ela já compra o próprio lanche na cantina como as demais colegas de sala, e lancham juntas nos bancos da escola.

Um funcionário da escola, que tem a função de bedel, é a maior paixão da aluna. Por ser muito carinhoso com os alunos, houve uma aproximação estabelecendo uma relação de confiança e respeito mútuo. A orientação educacional também tem um relacionamento de afetividade com a aluna, apoiando - a em suas necessidades educacionais.

A direção da escola não aparece nesse cenário de observação, os membros da escola que tiveram presentes nesse trabalho foram: a professora, as orientadoras e a coordenadora.

A Sofia tem se relacionado muito bom com os colegas, funcionários da escola e com os professores. Mostra-se feliz no ambiente escolar e teve um desenvolvimento cognitivo significativo.



## CAPÍTULO V

### ANÁLISE DOS DADOS

Serão analisados os dados coletados a respeito da aluna Sofia Rodrigues, as entrevistas realizadas com a professora regente e com a mãe da aluna a Srª Ana Paula Fernandes Rodrigues. E ainda serão analisadas as atividades avaliativas coletadas, para a análise das adaptações realizadas.



Sofia Rodrigues Mauricio Barros, nasceu em 18 de setembro de 1998, na cidade de Santo Ângelo-RS, hoje está com 14 anos. Foi adotada com 10 dias de idade, após a espera da família de um ano e quatro meses na fila de adoção. Nasceu pré-matura, teve pneumonia, hipotireoidismo, mas este quadro foi estabilizado durante o seu crescimento.

Trata-se de uma menina calma e feliz, com sua tranquilidade e o seu jeitinho doce de ser, conquista todas as pessoas. Mora com a mãe e mais duas irmãs de 7 e

13 anos. A convivência em casa é ótima e isto se estende a tios, primos avós e demais membros da família. É organizada, humilde, estudiosa e gosta de cuidar das pessoas, é muito companheira. Seus pais são divorciados há 7 anos.

Por volta dos dois anos, percebeu-se que o seu desenvolvimento motor era lento, ela demorou a falar, andar e desenvolver na escola. Começou então uma investigação com especialistas, tais como: neurologistas, psicólogos, otorrinos e outros. Fez tratamento de psicomotricidade, mais tarde, também foi acompanhada por psicopedagogos. Sofia apresenta traços em sua fisionomia dos quais suspeita-se de alguma síndrome. Foram feitos vários exames e detectou-se que ela tinha grande comprometimento com o processo cognitivo. Assim, partiu-se para uma investigação no Hospital Sarah, a fim de descobrir algo sobre sua genética, também foram feitos vários exames e estudo do cariótipo, concluíram que o problema não era genético, mas por todas as características e respostas apresentadas, o problema se assemelhava a “síndrome Fetal do Álcool”. No momento aguarda-se o relatório do Hospital Sarah, sobre toda essa investigação.

A aceitação da Sofia pelos componentes das escolas por onde ela passou, professores, coordenadores, funcionários e colegas, sempre foi excelente segundo os relatos da mãe da aluna, Sofia é uma pessoa muito tranquila, se relaciona muito bem com todo mundo. Porém tem mais facilidades de amizades com crianças mais novas e com adultos, afinal, muitas vezes as crianças de sua faixa etária ainda não têm maturidade para entender suas dificuldades, e muitas vezes excluem de conversas e brincadeiras.

Estudou em escola particular na /212 sul do berçário até o 2º ano, mudou porque a escola não tinha mais a sua série, apesar da ajuda da escola, repetiu o 1º e o 2º ano.

Nesse momento a mãe começou então a sentir falta de uma escola que trabalhasse realmente a inclusão. Uma educação inclusiva, onde a prática pedagógica desenvolva a aceitação da diversidade, na provisão de serviços de apoio promovendo, assim, oportunidade aos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais de frequentarem a mesma escola, juntamente com as

crianças de sua comunidade, de obterem sucesso na aprendizagem, sem sofrer nenhum tipo de discriminação.

Diante disso, houve uma queda na autoestima da criança, os colegas iam avançando e ela ficando retida, estudando com crianças ainda mais novas. Percebeu-se que estava difícil para a aluna acompanhar a escola particular, a mãe estava pagando a escola, mas não havia crescimento, era apenas mais uma aluna na sala, isso foi desestimulando a Sofia.

Assim, a família recorreu a Escola Classe da 114 Sul, que fazia esse trabalho inclusivo, principalmente para alunos com deficiência auditiva, a Sofia apresenta perda auditiva de 30%, no ouvido esquerdo, devido a má formação. Ela estudou o 2º e o 3º ano nessa escola, período maravilhoso, sua autoestima melhorou muito. Em sala, ela se sentiu útil, porque também podia ajudar os outros colegas, que tinham problemas mais sérios.

Mas a escola pública tem suas carências e isso prejudica os grandes projetos dos docentes e da direção, em desenvolver o lado cognitivo das criança com necessidades educacionais especiais.

No 4º ano a mãe tomou conhecimento de escola localizada na 704 Sul que trabalhava com inclusão. No decorrer do ano letivo, percebeu-se que Sofia continuava a ser apenas mais uma aluna na escola, não tinha acompanhamento especial para os estudos, para suas dificuldades. Não havia adaptação do conteúdo e nem das atividades. A escola passava a responsabilidade para psicólogos, psicopedagogos, neurologistas, mas o comprometimento pedagógico da escola com ela, ficou aquém.

A verdadeira inclusão ocorreu em 2012, quando estava com 13 anos e foi cursar o 5º ano em escola localizada no Sudoeste. Houve comprometimento da escola com Sofia. A indicação partiu do Intelecto, curso de reforço escolar que ela frequenta. As duas instituições desenvolveram um programa de estudos especial para Sofia. Produziram apostilas especiais, indicaram livros especiais, adaptaram as avaliações, de acordo com o desenvolvimento dela.

Trabalharam também, a inclusão social, frente aos alunos. Isto mudou a Sofia, sua autoestima, hoje ela sente prazer em ir para a escola, gosta de estudar e é muito atenciosa e responsável com os seus deveres escolares.

Foram anos de luta para encontrar uma escola que realmente a ajudasse, Sofia vinha sendo retida, e sua autoestima baixa, tiveram momentos que nem queria mais ir a escola, porque achava que não dava conta, e a família sempre procurando ajudá-la, tomando muito cuidado para não demonstrar desespero.

Antes de conhecer essa escola no Sudoeste, a mãe procurou uma escola católica, no Lago Sul, e a coordenadora só falava que a escola era muito exigente com o conteúdo pedagógico. Mesmo a mãe falando das dificuldades, em nenhum momento ela propôs um atendimento inclusivo, diferenciado.

As escolas precisam comprometer-se com a inclusão escolar. Vive-se hoje sob uma ótica de mundo globalizado, com muitos recursos de comunicação, acesso fácil à informática. Sofia tem muita curiosidade pelo mundo virtual, ela tem aprendido muito, as escolas deveriam aproveitar esse recurso para desenvolver as habilidades das crianças com necessidades educacionais especiais. Beyer (2006) considera que a qualidade e a intensidade da mediação determinam em boa medida a condição positiva do desenvolvimento e aprendizagem da criança, elas têm dificuldades em ler, mas o lúdico do computador, o simples manuseio do teclado, a fazem crescer e se sentirem importantes porque estão conseguindo fazer algo sozinhas.

A Sofia foi submetida a inúmeras avaliações ao longo da sua vida escolar, mas a mãe verificou que não foi avaliada de acordo com as suas possibilidades cognitivas. Segundo relatos da mãe, as escolas não fazem sua parte nesse processo de inclusão, quando percebem as dificuldades, encaminham as crianças para o atendimento externo, clínicos e de reforço escolar. Mas quando o problema pede a demanda de mais atenção dos educadores, em relação à adaptação de atividades e avaliações curriculares, elas não têm “tempo” para personalizar esse atendimento.

Dessa maneira, fica clara a preocupação das escolas e dos professores em controlar o processo de aprendizagem, para que os alunos aprendam ao mesmo

tempo e da mesma maneira, numa sequência padronizada e rígida nas atividades avaliativas, desconsiderando a subjetividade do indivíduo.

Critérios de avaliação, em geral, definem formas padronizadas e homogêneas de julgamento sobre o objeto avaliado. É esta ficção de uma observação homogênea – o pressuposto de observar a todos os alunos, a partir de variáveis controladas, em situações equivalentes e ao mesmo tempo – o fator de maior entrave à observação do professor sobre a singularidade do processo de aprender.  
(HOFFMANN, 2008,p.44)

É esse controle de variáveis que compromete a visão dos educadores, impossibilitando-os de perceber as singularidades e individualidades dos sujeitos envolvidos em sua prática pedagógica.

A professora regente da turma em que a aluna estuda atualmente, não tem formação pedagógica, trata-se de profissional com formação acadêmica em Letras português e espanhol, há doze anos na carreira como docente. Afirma que foi motivada a essa carreira pela vocação e pelo interesse em passar conhecimento.

Embora não tenha nenhum tipo de formação para trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, se dispõe a realizar o trabalho com o melhor nível de qualidade possível. Percebeu a limitação em sua formação sozinha, e buscou informações em livros e artigos científicos.

Utiliza como instrumentos avaliativos provas objetivas, provas subjetivas, trabalhos, projetos, ditados etc. Acredita que o professor deve criar novas formas de aprendizagem quando o aluno não entende o conteúdo de forma clara. Para ela a avaliação não deve ser uma surpresa, não deve ser nada de forma diferente do que foi passado em sala de aula. Quando se tem uma determinada experiência em educação, o educador entra e sai do processo avaliativo com seus alunos sem que eles percebam que estão sendo o tempo todo avaliados.

Os dados coletados nessa entrevista não apontam em quais momentos a avaliação é discutida no meio escolar, na coordenação e nos planejamentos. Mostra

apenas, que são discutidas de acordo com as dificuldades encontradas, sem mencionar o tipo de discussão realizada dentro da escola.

Verificou-se ainda que a concepção de avaliação da educadora em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais se aproxima à que Araújo (2012) propõe, uma vez que afirma que a avaliação deve ser considerada como processo de apropriação e de construção do conhecimento do aluno para diagnosticar e estimular o avanço do conhecimento e as tomadas de decisão.

Todo o conteúdo é adaptado, bem como os trabalhos realizados pela aluna de acordo com suas dificuldades e potencialidades. O avanço depende de como ela vai assimilando e acomodando os conteúdos.

As atividades avaliativas realizadas pela aluna eram bem diferentes das realizadas pelo restante da turma no que diz respeito aos conteúdos, pois a Sofia, teve todo o seu material didático adaptado. Trata-se de uma aluna que alcançou o 5º ano do Ensino Fundamental I, sem saber ler e escrever.

Verifica-se nesse caso que as escolas por onde essa aluna passou cumpriu ao longo desse tempo, apenas, o papel social. Sem desenvolver mecanismos que possibilitasse o processo de aprendizagem e sem estimular a sua capacidade cognitiva.

A atividade avaliativa da aluna analisada embora criativa e tenha contemplado os conteúdos trabalhados, está do ponto de vista estrutural faltando alguns elementos, ou utilizando-os de maneira equivocada.

As ilustrações da segunda página (anexo B) estão claras demais e com muita informação. E os diálogos da tirinha estão pouco legíveis, esses pequenos detalhes precisam ser observados pelos educadores durante a elaboração dessas atividades, pois, trata-se de uma aluna com necessidades educacionais especiais, onde todo recurso facilitador na aprendizagem deve ser utilizado.

Um ponto positivo dessa avaliação precisa ser ressaltado, as questões começam e terminam na mesma página, para as crianças e jovens com qualquer tipo de necessidades educacionais especiais e/ou com transtornos de aprendizagem esses cuidados se fazem necessários. Uma vez que o simples fato de ter que virar a

folha para lembrar do que se trata a questão, já faz com que esses alunos se percam nas atividades, muitas vezes os impossibilitam de realizá-las.

O educador precisa estar atento em atender às necessidades dos alunos no momento de elaboração e da estruturação das atividades, evitando que esses equívocos ocorram e prejudiquem o desempenho dos alunos durante a realização desse tipo de atividade.

Sobretudo, cabe ao professor entender que os conteúdos trabalhados reúnem um caráter de transversalidade, mas a análise do desenvolvimento do aluno ainda é realizada de forma fragmentada. Segundo Zabala (1998,p.38), é o professor

Quem dispõe as condições para que a construção que o aluno faz seja mais ampla ou mais restrita, se oriente num sentido ou noutro, através da observação dos alunos, da ajuda que lhes proporciona para que utilize seus conhecimentos prévios, da apresentação que faz dos conteúdos, mostrando seus elementos essenciais, relacionando-os com o que os alunos sabem e vivem, proporcionando-lhes experiências para que possam explorá-los, compará-los, analisá-los conjuntamente e de forma autônoma, utilizá-los em situação diversas, avaliando a situação e seu conjunto e conduzindo-a e reconduzindo-a quando necessário.

Para o autor, a intervenção pedagógica deve adaptar-se ao processo de construção do aluno, proporcionando possibilidades de avançar sempre. Avaliar é sobretudo questionar, é observar e promover experiências a partir de elementos relacionados com o que os alunos vivenciam.

É oferecer aos alunos diversas e diferentes maneiras de pensar, dar oportunidades reais às disponibilidades de cada educando, a avaliação deve ser pensada como um processo de mediação e nunca com o olhar de classificação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como finalidade a reflexão sobre as avaliações da aprendizagem realizadas com alunos com necessidades educacionais especiais – ANEEs incluídos em escola regular e privada em Brasília. Trouxe como eixo a percepção da avaliação como mediadora, como instrumento a ser utilizado para promover o desenvolvimento cognitivo do aluno, sobretudo os alunos com necessidades educacionais especiais.

Embora algumas escolas sejam favoráveis à inclusão, os educadores muitas vezes se omitem das suas responsabilidades. A pesquisa mostrou dados de como essa aluna de inclusão sofreu danos no seu processo de aprendizagem por não ter os instrumentos e materiais pedagógicos adaptados às suas necessidades.

Os dados coletados nas entrevistas apontam para escolas onde a prática excludente continua impregnada tanto do ponto de vista institucional, quanto do ponto de vista pedagógico, sem responder as reais necessidades dos educandos não respeitando, portanto, a diversidade de cada sujeito. Durante anos a aluna estuda foi prejudicada por se deparar com instituições que não ofereciam as mínimas condições de aprendizagem e que mesmo sendo obrigada, por lei a ser inclusiva, nada tinha de inclusão. Não basta receber os ANEEs, mas é necessário dar condições para que eles desenvolvam todas as suas potencialidades e sintam-se totalmente incluídos, sem nenhum tipo de discriminação ou preconceito.

Somente aos 14 anos encontrou uma instituição que se dispôs a realizar as adaptações necessárias para que o processo de aprendizagem acontecesse construindo novas possibilidades para o seu pleno desenvolvimento.

Os dados coletados ainda apontam que as avaliações realizadas com a aluna foram adaptadas, assim como outros recursos pedagógicos, visando sempre a inclusão. Possibilitando pela primeira vez que ela tivesse a oportunidade de aprender a ler e escrever.



Considerando o que Luckesi (2000, p. 49) afirma, o ato de avaliar tem como função:

Investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessária. Assim, a avaliação é diagnóstica. Como investigação sobre o desempenho escolar dos estudantes, ela gera um conhecimento sobre o seu estado de aprendizagem e, assim, tanto é importante o que ele aprendeu como o que ele ainda não aprendeu. O que já aprendeu está bem; mas, o que não aprendeu (e necessita de aprender, porque essencial) indica a necessidade da intervenção de reorientação, até que aprenda.

Dessa maneira cabe ao educador procurar desenvolver os instrumentos de aprendizagem bem como as adaptações necessárias para o melhor desempenho possível do aluno. A avaliação é, portanto, uma forma de fornecer suporte ao aluno, e ao professor, tendo em vista o autodesenvolvimento e a qualidade das ações pedagógicas.

Ao finalizar este trabalho, podemos destacar que as adaptações em materiais e recursos pedagógicos se fazem necessárias para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais e é imprescindível construir, desenvolver e estar atentos ao modo como nos dispomos enquanto docentes no trabalho pedagógico.

## **PERSPECTIVAS FUTURAS**

Para a minha alegria e satisfação diárias a vida me colocou na área da Educação, e agradeço a oportunidade de vivenciar essa experiência que me move. Profissão que me coloca na condição de desenvolver o exercício reflexivo da minha prática todos os dias.

Desde quando iniciei a minha graduação desenvolvi trabalho com crianças com necessidades educacionais especiais, me levando a uma busca por mais conhecimento teórico sobre o assunto. Essa oportunidade de construção epistemológica e dialógica dentro da Universidade me proporcionou uma nova percepção sobre a educação para todos.

Destaco como interesse a realização de uma pós-graduação em Educação Inclusiva, para que possa contribuir com a comunidade escolar de Brasília. E ainda o mestrado, com o desenvolvimento aprofundado deste tema estudo.

As perspectivas são aprofundar o tema sobre avaliação da aprendizagem, as adaptações em instrumentos e materiais pedagógicos realizadas para garantir a inclusão dos com necessidades educacionais especiais.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICOS

ARAÚJO, Adilson Cesar de. *Gestão, avaliação e qualidade da educação: políticas públicas reveladas na prática escolar*. Brasília: Líber Livro; Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília, 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Especial. *Parâmetros curriculares nacionais. Adaptações curriculares. Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial*. – Brasília : MEC /SEF/SEESP, 1998.

BRASIL. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais*. Tradução de: Edilson A. da Cunha. Brasília: CORDE, 1997.

CHUERIRI, S. F. “Concepções sobre avaliação escolar”, in *Estudos em Avaliação Educacional*, v.19 n. 39, jan./abril, 2008.

CORREIA, José Alberto. *A construção político-cognitiva da exclusão social no campo educativo*. Porto, Portugal: Universidade do Porto. 2004. Mimeografado.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Política e educação : ensaios*. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, Luís Carlos de, BELLONI, Isaura. & SOAREAS, J. F. (Orgs.). *Questões de Avaliação educacional*. São Paulo: Komedi, 2003.

FREITAS, L.C.; SORDI, M.R.L.; MALAVASI, M. M. S.; FREIAS, H. C. L. *Avaliação Educacional. Caminhando pela contramão*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FERREIRA, Windyz Brandão. *De docente para docente: práticas de ensino e diversidade para a educação básica* / Windyz Brandão Ferreira, Regina Coeli Braga Martins. São Paulo: Summus, 2007.

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.

HOFFMANN, J.M.L. *Avaliação: Mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, Cipriano C. *Planejamento e Avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica*. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2000.

MEC. Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

MICHELS, Maria Helena. *A formação de professores de educação especial na UFSC (1998-2001): ambiguidades estruturais e a reiteração do modelo médico-psicológico*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: história, política, sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 2001.

## **ANEXO A**

---

Avaliação realizada pela turma do 5º ano.

**2ª AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ESPECÍFICA TRIMESTRAL**  
**1º TRIMESTRE – 2012 - ENSINO FUNDAMENTAL I**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**5º**  
**ANO**

Nome:

Turma:

Data:

Nota:

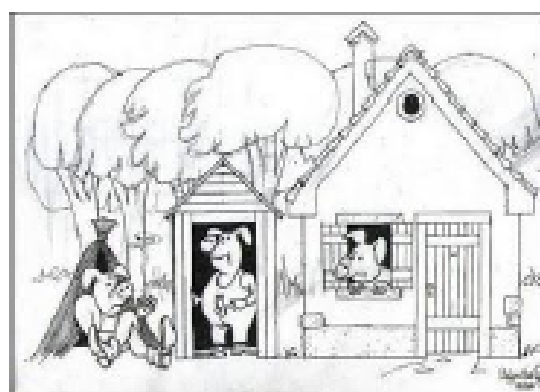
1. Leia com atenção a avaliação.
2. Só entregue para a professora depois de ler várias vezes.
3. Faça a sua avaliação com calma e capricho, estamos torcendo por você.
4. A interpretação das questões faz parte da avaliação.
5. A prova é um momento privilegiado de estudo.

Os contos de fadas, histórias contadas de geração para geração, sofreram modificações ao longo do tempo. E por isso, hoje, encontramos várias versões de uma mesma história.

Leia o texto a seguir e faça o que se pede nas questões.

### **Os Três Porquinhos**

Uma versão politicamente correta adaptada aos novos tempos.



Era uma vez três porquinhos que viviam juntos, unidos pelo respeito mútuo, e em harmonia com o meio ambiente. Usando materiais nativos daquela região, cada um deles construiu uma linda casa. Um porquinho construiu uma casa de palha, o outro uma casa de madeira, e o terceiro, uma casa de alvenaria, com tijolos feitos com fibras naturais e rampas de acesso para deficientes físicos na calçada. Quando terminaram, os porquinhos ficaram satisfeitos com seu trabalho e se instalaram para viver em paz e com autonomia.

Mas esse sonho foi logo quebrado. Um dia lá veio um lobo com ideias expansionistas. Viu os porquinhos e ficou faminto. Quando os porquinhos viram o lobo, correram para a casa de palha. O lobo se disfarçou de entregador de pizza e tocou a campainha. Quando eles abriram a porta, o lobo anunciou: "Olha a pizza!"

Mas os porquinhos responderam: "Não comemos pizza. Pizzas são gordurosas e têm muito amido, o que vai contra qualquer dieta saudável".

"Mas é uma pizza diet!" retrucou o lobo.

Revoltados com a propaganda enganosa, os porquinhos bateram a porta na cara do lobo, que, enfurecido, gritou: "Porquinhos, porquinhos, deixem-me entrar!"

E os porquinhos responderam: "Sua tática de ataque não mete medo em porquinhos que defendem seu lar e sua cultura".

Mas o lobo não desejava frustrar o que considerava ser seu destino. E assim ele soprou e bufou e pôs abaixo a casa de palha. Os porquinhos, aterrorizados, correram para a casa de madeira, com o lobo logo atrás deles. No lugar da casa de palha, outros lobos compraram a terra e iniciaram uma plantação de bananas, usando indiscriminadamente agrotóxicos e fertilizantes químicos.

Na casa de madeira, o lobo esmurrou a porta e gritou: "Porquinhos, porquinhos deixem-me entrar!"

E os porquinhos responderam: "Vá plantar batata, seu opressor carnívoro, seu imperialista!"

Ouvindo isso o lobo sorriu, bondoso. E pensou: "Eles são tão infantis. É uma pena que tenham que morrer, mas não se pode deter o progresso".

E assim o lobo soprou e bufou e pôs abaixo a casa de madeira. Os porquinhos correram então para a casa de tijolos, com o lobo logo atrás deles. No lugar da casa de madeira, outros lobos construíram um complexo turístico de trinta andares, desrespeitando a área protegida da região.

Na casa de tijolos, o lobo novamente esmurrou a porta e gritou: "Porquinhos, porquinhos deixem-me entrar!".

Desta vez, como resposta, os três cantaram canções de solidariedade e enviaram cartas de protesto às Nações Unidas.

A essa altura, o lobo estava ficando zangado com a recusa dos porquinhos de encarar o problema do ponto de vista de um carnívoro. Então, ele soprou e bufou, soprou e bufou, até que segurou o peito e caiu duro com um infarto fulminante causado por colesterol alto, vida sedentária e excesso de cigarros.

Os três porquinhos se rejubilaram, pois a justiça triunfara. O próximo passo foi liberar seu território ocupado. Reuniram porquinhos que tinham sido expulsos de suas terras e, juntos, sem usar a força, sem invadir lares ou desrespeitar os direitos dos lobos trabalhadores, acabaram com o crime organizado. Os porquinhos estabeleceram uma sociedade mais democrática com educação gratuita, seguro de saúde para todos e, é claro, financiamento da casa própria.

James Finn Garner. *Contos de fadas politicamente corretos*. Trad. E adap. Cláudio Paiva. 3. ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999. P. 21-4.

Vocabulário:

Alvenaria: obra executada com tijolos.

Expansionista: extensão além dos limites do seu território.

Amido: substância orgânica mantida de reserva nos vegetais (tubérculos de batatas etc.). Polvilho.

Opressor: dominador; tirano.

Financiamento: ação ou efeito de financiar. Fornecer dinheiro, custear as despesas, a compra de alguma coisa.

Imperialista: pessoas partidárias do imperialismo (dominação política e/ou econômica por parte de uma grande nação sobre nações mais fracas).

1- Analise o conto de fadas e faça o que se pede no que diz respeito aos elementos dessa narrativa.

a) O narrador dessa história é observador ou personagem? Justifique sua resposta.

---



---

b) Identifique no conto os seguintes elementos da narrativa:

Personagens: \_\_\_\_\_

Tempo: \_\_\_\_\_

Espaço: \_\_\_\_\_

Ações/enredo: \_\_\_\_\_

---



---

c) As personagens principais do texto são os três porquinhos e o lobo. O lobo assume diferentes papéis. Marque as duas alternativas que não correspondem ao personagem lobo:

(    ) vilão

(    ) herói

(    ) violento

(    ) tirano

(    ) bondoso

2- Leia a seguir as afirmativas e assinale as duas situações que ficam evidentes, isto é, dadas no conto de fadas "Os três porquinhos".

- (   ) Há luta entre o herói e o vilão.  
 (   ) O herói vence o vilão.  
 (   ) O herói é vencido pelo vilão.  
 (   ) O vilão é punido.  
 (   ) O herói se casa.

3- Sobre as ideias apresentadas pelo conto, responda:

a) Qual das atitudes a seguir mostra que os porquinhos realmente viviam em harmonia com o meio ambiente?

- (   ) Construir uma linda casa.  
 (   ) Construir, usando tijolos feitos com fibras naturais.  
 (   ) Construir rampas de acesso para deficientes físicos.

b) Antes de usar a violência, soprar, bufar e pôr abaixo a casa de palha, qual foi a estratégia usada pelo lobo para enganar os três porquinhos?

---



---

c) Marque C para as alternativas corretas e E para as erradas, no que diz respeito ao texto.

- (C) (E) Depois da construção das três casas, os porquinhos não moraram mais juntos, ficaram desunidos.  
 (C) (E) O lobo, ao demubar as casas, tinha interesses econômicos.  
 (C) (E) O lobo foi vítima da armadilha dos porquinhos.  
 (C) (E) Os porquinhos queriam uma sociedade mais justa.

4- A 1ª frase do último parágrafo "Os três porquinhos se rejubilaram" revela:

- (   ) A derrota dos heróis.  
 (   ) Um final feliz para os heróis.  
 (   ) Um final feliz para o vilão.  
 (   ) A luta entre heróis e vilão.

5- Leia a frase e faça o que se pede.

O lobo entrou numa fria.

Elabore uma frase em que a palavra "fria" tenha sentido diferente do sentido da frase acima. Use o ponto de exclamação ou interrogação no final da frase.

6- Retire do texto uma palavra:

Monossílaba	
Trissílaba	
Paroxítona	
Proparoxítona	
Polissílaba	
Oxítona	
Dissílaba	



7- Observe o quadrinho abaixo e responda as questões:



a) Reescreva o trecho a seguir, substituindo os dois termos destacados por termos sinônimos e faça as adaptações necessárias.

Parece que não é permitido edificar em uma área florestal.

b) Os porquinhos da tirinha acima têm consciência ambiental? Justifique sua resposta.

8- Reescreva a frase a seguir, substituindo o termo destacado por um termo antônimo.

Um porquinho construiu uma casa.

9- Complete as frases com o homônimo correto.

- a) O \_\_\_\_\_ no final do dia estava insuportável. (tráfego - tráfico)
- b) \_\_\_\_\_-se, mas havia hostilidade entre eles. (cumprimentaram - complimentaram)
- c) A próxima \_\_\_\_\_ começará atrasada. (seção - sessão)
- d) Todos os \_\_\_\_\_ haviam sido ocupados. (acentos - assentos)
- e) As pessoas foram recolhidas a suas \_\_\_\_\_. (celas - selas)

10- A palavra porquinhos possui:

- ( ) 10 letras e 10 fonemas
- ( ) 9 letras e 9 fonemas
- ( ) 10 letras e 9 fonemas
- ( ) 10 letras e 8 fonemas
- ( ) 8 letras e 10 fonemas

11- Circule o substantivo abstrato presente na frase seguinte:

O lobo tinha inveja dos porquinhos e queria acabar com o sossego deles.

12- Leia as frases e sublinhe os substantivos comuns e circule os próprios.

- a) Os porquinhos enviaram cartas às Nações Unidas.
- b) O lobo gosta de pizza, mas os porquinhos, não.
- c) "Não foi o lobo mau, foi o Ibama."

13- O substantivo concreto é aquele que indica a existência de seres reais ou imaginários. Com base nesta afirmativa ligue os substantivos concretos reais e os imaginários ao nome correspondente.

	Brasil
Reais	bruxa
	homem
Imaginários	curupira
	fada
	anjo

14- Classifique os substantivos como simples ou composto.

Couve-flor _____	Automóvel _____
Vidro _____	Mosquito _____
Pedra _____	Sobremesa _____
Guardanapo _____	Moleque _____

15- Relacione a segunda coluna de acordo com a primeira:

substantivo primitivo	substantivo derivado
( 1 ) dente	(   ) goiabeira
( 2 ) pente	(   ) ventania
( 3 ) cabelo	(   ) floricultura
( 4 ) goiaba	(   ) dentadura
( 5 ) vento	(   ) cabeludo
( 6 ) flor	(   ) penteado

16- Classifique os substantivos abaixo de acordo com a sua formação.

Substantivos	próprio	comum	concreto	abstrato	simples	composto	primitivo	derivado
casas								
bananeiras								
laranjeiras								
amor								
homem								
vida								

17- Complete as frases com os parônimos do quadro.

soando - dispensa – suando - despena

- a) O trabalhador pediu \_\_\_\_\_ do serviço por estar machucado.
- b) Fui fazer compras porque minha \_\_\_\_\_ estava quase vazia.
- c) Estou \_\_\_\_\_ por causa do calor.
- d) O sino está \_\_\_\_\_ as doze badaladas do meio-dia.

18- Leia o poema e depois acentue corretamente as palavras.

Coisas de que mais gosto:  
café com bolo de fuba,  
sorvete de maracujá,  
tomar guaraná,  
ouvir o canto do sabiá.

Gosto também  
de ir de metro  
à casa da vovó,  
brincar com o vovó,  
comer pão-de-ló.  
E chega de trololó!

Geonice sbuzzi



19- Copie as palavras sublinhadas nas colunas adequadas.

- a) O cliente e a cliente foram bem atendidos na loja.
- b) A rã macho canta para chamar a rã fêmea.
- c) O artista e a artista foram ovacionados pela plateia.
- d) O indivíduo roubou a joalheria.
- e) A aranha fêmea tece sua teia com habilidade.
- f) A garota pediu autógrafo ao seu ídolo.



Comum de dois gêneros	Sobrecômum	Epíctico

20- Complete as frases com o plural das palavras entre parênteses.

- a) Meus \_\_\_\_\_ compraram os \_\_\_\_\_ no bar. (pão – irmão)
- b) Os \_\_\_\_\_ podem provocar \_\_\_\_\_ nos \_\_\_\_\_.  
(explosão – gás – túnel)
- c) Os \_\_\_\_\_ levavam os \_\_\_\_\_ nas \_\_\_\_\_.  
(bagagem – jornal – rapaz)

21- Rescreva as frases, passando-as para o plural.

- a) Peguei meu guarda-chuva para ver o beija-flor.

\_\_\_\_\_

- b) Meu irmão comeu cachorro-quente e algodão-doce.

\_\_\_\_\_

22- Faça uma frase utilizando:

- a) O aumentativo da palavra fogo.

\_\_\_\_\_

- b) O diminutivo da palavra mãe.

\_\_\_\_\_



## **ANEXO B**

---

Avaliação realizada por Sofia Rodrigues

**2ª - AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ESPECÍFICA**  
**1º TRIMESTRE - 2012 - ENSINO FUNDAMENTAL I**  
**PORTUGUÊS**

**5º**  
**ANO**

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

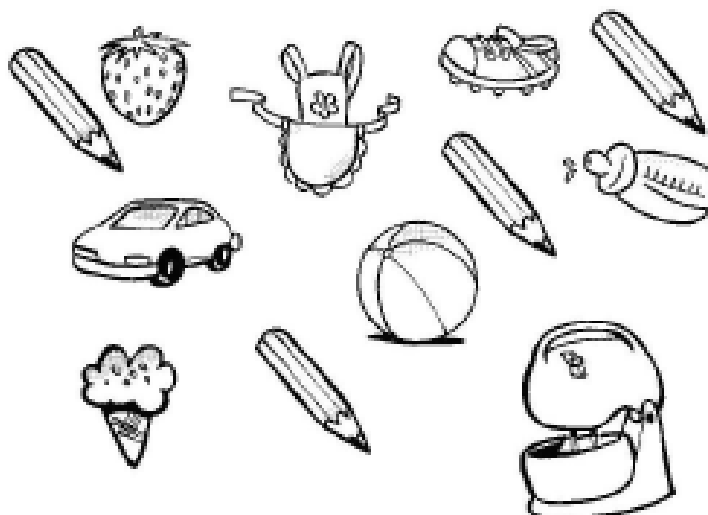
1. Leia com atenção a avaliação.
2. Só entregue para a professora depois de ler várias vezes.
3. Faça a sua avaliação com calma e capricho, estamos torcendo por você.
4. A interpretação das questões faz parte da avaliação.
5. A prova é um momento privilegiado de estudo.



Oii! Eu e minha turma vamos ajudar  
 você a fazer tudo direitinho!  
 Complete as frases de acordo com os desenhos.

- Vovó fez uma vitamina de \_\_\_\_\_.
- Lucas jogou \_\_\_\_\_ com a  
 \_\_\_\_\_ nova.
- Mamãe ganhou uma \_\_\_\_\_ de bolo.
- Eu gosto de \_\_\_\_\_ de creme.
- Juliana deixou cair suco no \_\_\_\_\_.
- O bebê toma a \_\_\_\_\_.
- O \_\_\_\_\_ do meu pai é vermelho.
- Camila colocou os \_\_\_\_\_ no estojo.

Capriche  
 na  
 letra!!!!



Agora é só ler com bastante atenção as tirinhas abaixo e depois marcar um X na resposta correta. Sua professora também irá ajudar!



1) Ao ver que ia apanhar da Mônica, Cebolinha pediu ajuda para:

- (A) seu pai.
- (B) seu anjo da guarda.
- (C) sua mãe.
- (D) seus amigos.

2) O Cebolinha ficou decepcionado com o seu anjo da guarda porque:

- (A) a Mônica foi embora.
- (B) porque ele e o Cebolinha apanharam da Mônica.
- (C) o Cebolinha chorou.
- (D) porque caiu no chão.



3) Cascão marcou um encontro com uma garota. Ela vai estar vestida com:

- (A) uma canga roxa.
- (B) um vestido rosa.
- (C) um biquíni amarelo.
- (D) um maiô verde.

4) Como o encontro era na piscina do clube, Cascão foi vestido de mergulhador:

- (A) porque estava com frio.
- (B) porque ele ia mergulhar.
- (C) porque ele adora água.
- (D) para se proteger da água.

Ah! Essa você tira de letra!  
Complete os quadrinhos separando as  
sílabas do nome de cada figura.



--	--	--	--



--	--	--

--	--	--



--	--

--



--



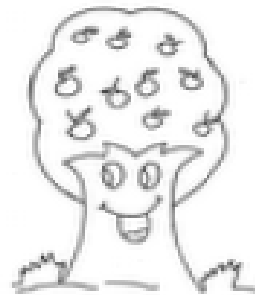
Parabéns, Sofia!!!!  
Assim você vai longe!  
Hum! Que fome!



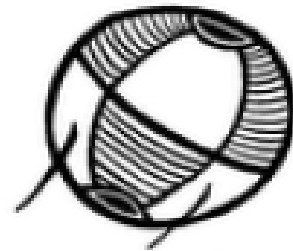


Agora vamos ver se você dá show de bola!  
Complete os espaços abaixo para formar as  
palavras indicadas nos desenhos.

**A** \_ \_ \_ \_ \_



**B** \_ \_ \_

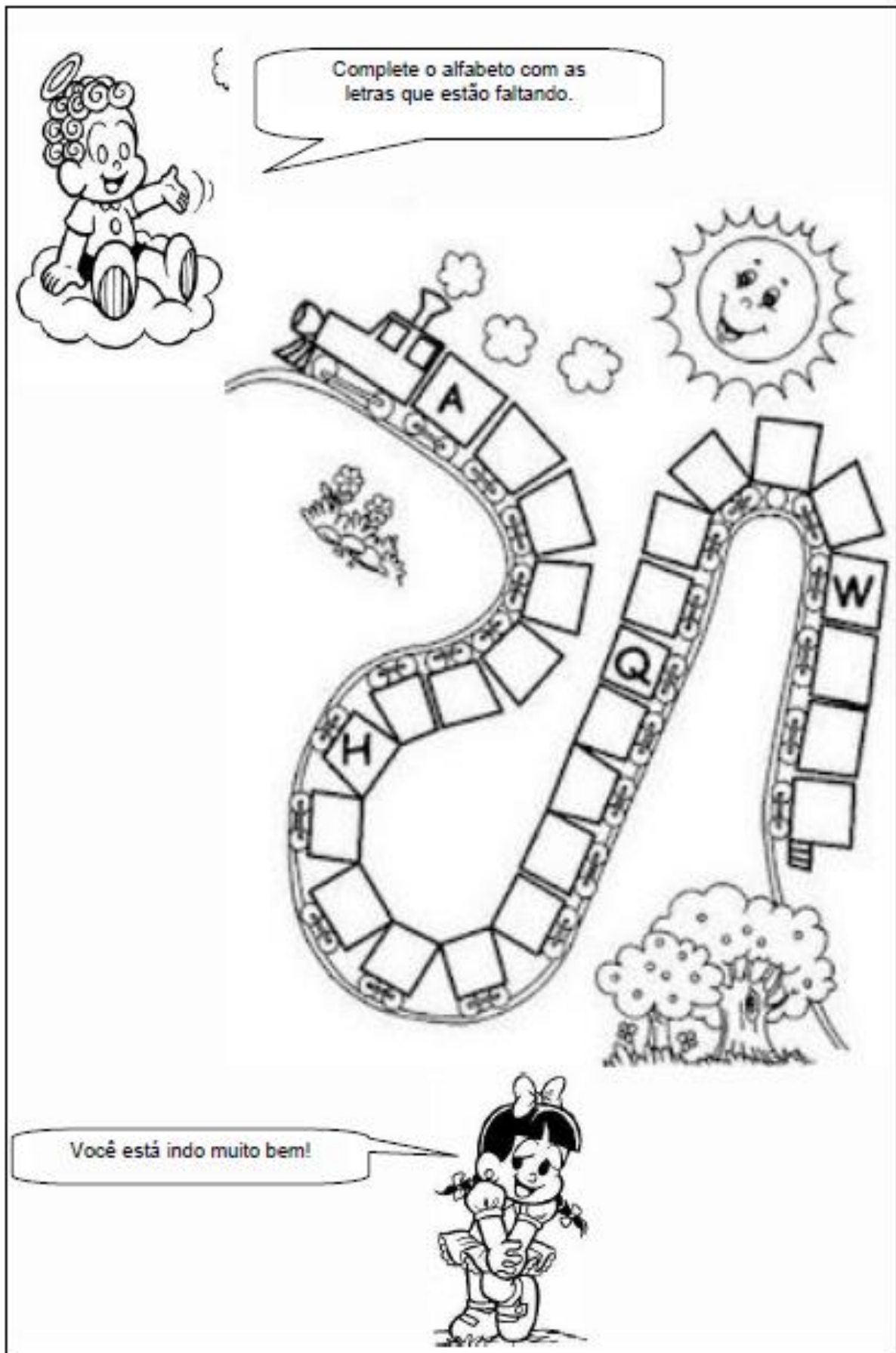


**C** \_ \_ \_ \_



Sofia, você  
é demais!

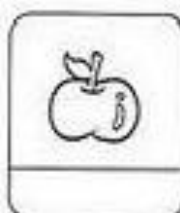




Procure no caça-palavras os nomes das figuras e escreva-os nos devidos lugares.



F	O	G	Ã	O	B	X	Z	M
C	L	E	Ã	O	M	N	P	A
A	M	Ã	O	S	K	R	S	M
R	M	A	C	A	R	R	Ã	O
V	R	M	A	M	Ã	O	G	I
Ã	M	V	I	O	L	Ã	O	J
O	M	A	Ç	Ã	S	P	Ã	O
R	S	T	V	P	I	Ã	O	R
X	Z	S	A	B	Ã	O	S	V



Espero que  
tenha gostado!  
Leia sempre as  
nossas  
histórias!  
Beijocas!



## **ANEXO C**

### **AUTORIZAÇÃO**

Certa da importância desse trabalho da pesquisadora Graziella Nannuci Pepe, em aprofundar os estudos, na abordagem do tema tão importante como a inclusão escolar de alunos com necessidade educacionais especiais. Eu, Ana Paula Fernandes Rodrigues, CPF 265426331-20, autorizo utilizar todas as informações contidas na entrevista, bem como as fotografias da Sofia Rodrigues no desenvolvimento da sua pesquisa.

Brasília 26/01/2012

## ANEXO D

### *As três princesinhas,*

O meu desejo era muito simples – eu queria ser mãe. O casamento de treze anos pedia crianças correndo e desarrumando a casa; o imenso amor que tínhamos se traduzia em cuidados que transbordavam de nós, do nosso lar quieto e organizado; precisávamos de filhos para contar histórias e auxiliar nos deveres da escola, para movimentar os nossos dias e afetos.

Depois de anos me submetendo a tratamentos para engravidar, causando a nós dois muitos sofrimentos e decepções, percebi o desperdício de tempo, dinheiro e emoções. Ser mãe requeria simplesmente filhos e, assim, decidi que os meus seriam gestados no coração. Com o apoio de meu marido, mudamos de rota e partimos para a adoção.

A gestação de Sofia (14 anos) em meu coração se fez em longos 19 meses, com a expectativa crescendo dia a dia ao imaginá-la conosco. Foi no trabalho que recebi o anúncio do seu nascimento – uma emoção inesquecível. O meu sonho estava se realizando naqueles olhinhos brilhantes que me fitavam amorosamente, parecendo duas jabuticabas no rostinho lindo da minha menininha.

No ano seguinte, engravidei da princesinha Natália (13 anos). Passei por uma gravidez tranqüila e feliz e ela nasceu forte e saudável – nova emoção inesquecível. Entretanto, queríamos mais, não sei explicar o porquê. Coisas do coração. Dois anos de nova espera e ansiedades se passaram para termos a Manuela. Hoje, com 7 anos, essa princesinha danadinha e muito querida completa a nossa família e agita a nossa rotina, conforme sempre sonhamos.

Em verdade, esse sonho foi concebido a partir do querer do pai e da mãe das três princesinhas. Nossas vidas tomaram caminhos distintos com o divórcio, porém, essa guinada do destino não muda o fato de que somos pais e que nossas filhas precisam de nossas referências, de nosso amor e proteção.

Atualmente o relacionamento delas com o pai é harmonioso. As meninas o amam e acho isso bastante positivo, porque acredito na importância da presença paterna na vida delas.

Graças a valores como respeito mútuo, generosidade, solidariedade, religiosidade e amor pelos iguais e pelos diferentes, as minhas princesas são maravilhosas, meigas, brincalhonas e muito amigas. Enfatizo ainda a importância dos estudos para que sejam mulheres independentes e de fibra. Costumo dizer que somos 'as mosqueteiras' e, frequentemente, colocamos as mãos umas sobre as outras e gritamos numa única voz: "- Uma por todas e todas por uma!". Nessa hora nos sentimos protegidas e fortalecidas, porque sentimos recarregar a energia uma da outra nos laços dessa história de entrega e amor. A unidade e a força das mosqueteiras são para a vida toda, e isto é o melhor de tudo.

Enfim, o desejo de ser mãe se realiza continuamente, ao ter as crianças em minha vida, fazendo parte de mim, não importando se foram geradas no ventre ou no coração. O que importa mesmo é que somos uma família feliz, com minhas filhas amadas, sem diferenças, e unidas para sempre.

Ana Paula Fernandes Rodrigues

Janeiro de 2013.

## APÊNDICE A

Entrevista com a professora: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma em que trabalha: \_\_\_\_\_

Formação Acadêmica: \_\_\_\_\_

Tempo de trabalho como professor: \_\_\_\_\_

1. O que te motivou a carreira docente?
2. Qual sua metodologia de avaliação?
3. Quais as dificuldades e as facilidades enfrentadas no processo avaliativo?
4. Quais os critérios de escolha da metodologia utilizada na avaliação escolar?
5. Qual a metodologia mais utilizada no seu processo formativo (formação acadêmica)?
6. Em quais momentos a avaliação é discutida no meio escolar, na coordenação, nos planejamentos? Explique.
7. Os pais estão satisfeitos com a avaliação feita pela escola? Como você identifica isso?
8. Como você utiliza os resultados das avaliações?
9. Como são avaliados os alunos PNEE's?
10. Como você recebeu a sua aluna Sofia na sala de aula, houve resistência da sua parte, da parte dos alunos, dos pais dos alunos?
11. A Sofia se adaptou bem a turma, como se deu a inclusão dela nessa turma regular?
12. Como você trabalha os conteúdos com essa aluna na sala de aula? Você fez adaptação de conteúdos? Se faz, como são feitas? Tem alguma ajuda para isso?
13. Que formação você tinha para receber uma aluna com Necessidades Educacionais Especiais ?
14. Quais as maiores dificuldades que enfrentou atuando em turma inclusiva?
15. Que critérios de avaliação você utiliza com essa aluna? E como você avalia, tem adaptação nas avaliações? O que faz com os resultados dessas avaliações? Justifique.

## APÊNDICE B

### Entrevista com a mãe da aluna

- 1) Faça um breve histórico falando nome completo, idade, onde nasceu e estrutura familiar e a sua relação com todos os familiares.
- 2) Em que momento você percebeu que a Sofia tinha algum tipo de necessidade especial?
- 3) Quando ela entrou na escola? Com que idade?
- 4) Como foi a aceitação da Sofia pelos componentes das escolas, tais como: professores, coordenadores, funcionários e colegas?
- 5) Em que momento durante esses anos, a Sofia viveu verdadeiramente a inclusão dentro da escola? Como foi?
- 6) Que critérios as escolas utilizaram para reter ou aprovar a Sofia, uma vez que ela tem catorze anos e ainda está no 5º ano do ensino fundamental I e ainda precisa de adaptação do conteúdo?
- 7) Vocês consentiram e ou aprovaram a decisão da escola? Justifique.
- 8) A Sofia teve adaptação curricular em algum momento?
- 9) A Sofia foi submetida a inúmeras avaliações ao longo da sua vida escola, em algum momento a Sofia foi avaliada de acordo com as suas possibilidades cognitivas?